



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

RELATÓRIO

I Mostra Indígena de Filmes Etnográficos do Ceará



Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

“Uma sociedade ou um grupo social quando abre mão de produzir e exibir sua própria imagem está renunciando a si mesmo e assim, pois esse abrir mão não implica deixar de produzir e exibir imagens, mas delegar a outrem a produção da sua própria imagem”

Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

INDICE

PARTE I

- Cineastas Indígenas? Como assim? Um convite à relativização
- Cine Clube Aldeia
- Um Filme com Olhar Etnográfico
- Passo a Passo
- Como forão realizadas as Oficinas
- Nem tudo é uma Lagoa Encantada...
- ... NA luta pela preservação e resistencia cultural surge os Cineastas Indígenas da Aldeia Jenipapo Kanindé

Programação

Cineastas Indígenas? Como assim? Um convite à relativização

Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

No primeiro momento, se ao tomar contato com este Relatório - você ficou surpreso(a) com a ideia dos índios fazerem cinema, prepare-se para percorrer a partir de agora um caminho de surpresas e conhecimento, pois provavelmente você se surpreenderá com muitas outras coisas.

Adentrar a essa nova experiência vai exigir de você, antes de mais nada, uma atitude de respeito para com o outro, um espírito curioso, e um exercício de pesquisa e reflexão redobrados. Se você não é índio estará entrando em contato com um mundo inteiramente diferente do seu, portanto, procure entender as suas primeiras reações, o seu próprio estranhamento.

Com um olhar mais atento você poderá notar que para além das nossas diferenças culturais, somos também parecidos em muitos aspectos: as crianças brincam como toda criança brinca, os jovens e adultos como nós encaram as dificuldades da vida, e se divertem com seus bons momentos. Se você é evangélico, católico, muçulmano, judeu, da religião que for ou ateu, lembre-se que a barbárie das guerras contemporâneas, que por vezes ameaçam destruir este planeta, são também frutos da intolerância religiosa, da incapacidade de conviver e aceitar a diferença. Assim como o teu sistema de crenças celebra a vida e a compaixão humana, as religiões e a espiritualidade indígena celebram as forças da natureza e a vida.

Olhar para o mundo do outro é ver também o seu. Assim, olhar para a diversidade cultural dos povos indígenas do Brasil é olhar também para nós mesmos e entender um pouco mais as escolhas políticas e históricas que fizemos, como experimentamos e vivemos o mundo, e nossa relação com a diferença e a diversidade. É, ainda, compreender que não há apenas uma forma de estar no mundo e entendê-lo, que as noções de ocupação e exploração dos espaços e recursos, de progresso, tempo e justiça não são tão “naturais” ou “estiveram sempre lá” como muitas vezes pensamos e podem (e devem!) ser questionados e relativizados.

Associação das Mulheres Indígenas Jenipapo Kanindé

Cine Clube Aldeia

Cine Clube Aldeia

Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

O Cineclube Aldeia é uma realização da Associação de Mulheres Indígenas Jenipapo-Kanindé, Fundado **em Abril de 2009**, é um projeto pioneiro na formação de público e cineastas indígenas no Ceará, servindo como referência a outras comunidades indígenas. e tem como principal objetivo fortalecer a política de audiovisual cearense através do fomento à produção, formação e difusão de filmes com temática Indígena, o projeto é executado de forma autônoma pela própria comunidade através de exposições, debates e produção em vídeo, fazendo parte do Museu Indígena Jenipapo-Kanindé, premiado pelo Programa Pontos de Memória do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/MinC).

Iniciado com a realização do curta documental *Cabeludos da Encantada* (2009), o Cineclube Aldeia promove exposições com debates em noites culturais indígenas, quase sempre na Lua Cheia, chamadas “Rodas de Cinema com os Guardiões da Memória” e em algumas delas contou com a presença de seus realizadores.

Em 2015, realizou a I Mostra Indígena de Filmes Etnográficos do Ceará, abrindo suas portas para um público bem maior e diversificado, expandindo suas potências na transmissão da memória indígena, dos conhecimentos tradicionais e da articulação intercultural para mediações e agenciamentos mais amplos, entre diferentes etnias, parceiros da causa indígena, realizadores audiovisuais e pesquisadores.

Com a perspectiva de oferecer e convidar a uma programação de conteúdo, sobretudo, de forma inovadora, a comunidade Jenipapo-Kanindé sediou na Lagoa da Encantada um encontro que promete inaugurar as ações diretas na linha do audiovisual e do cinema indígena no Ceará, com a finalidade de formar uma rede de colaboração para difundir ferramentas tecnológicas dentro da luta indígena.

É aí, que a inclusão visual expressa o seu valor revolucionário, pois não é somente aprender a lidar com os equipamentos, mas aprender a pensar e ver criticamente a partir do Audiovisual. Na representação midiática, quem detém os meios e a produção da imagem representa o mundo à sua maneira. Isso quer dizer que constrói a imagem de si que melhor lhe convém, e

Um Filme com Olhar Etnográfico

Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

Antes da gente passar pra frente, vamos contar pra vocês, rapidinho, como são feitos os filmes que possuem um Olhar diferenciado nas oficinas do Cine Clube Aldeia e que servirá de base para o Projeto e todo o percurso educativo embasando assim a metodologia.. Há muitas maneiras de se fazer um filme. No nosso caso, a gente tem um jeito todo nosso e dos índios de produzir os vídeos.

Quando a gente diz “nosso e dos índios” é porque os filmes que a gente faz nas oficinas são feitos numa parceria entre os professores não-indígenas e a comunidade da aldeia, todo mundo envolvido: participam os alunos, os professores, as crianças, as mulheres e os velhos. Quando uma oficina começa é como um acontecimento bom, desses que viram história depois.



PASSO A PASSO

Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

VONTADE – Antes de tudo, lá no comecinho, existe a vontade, o desejo de alguém (ou de um grupo) de transformar uma história em filme. Pode ser história acontecida, história de todo dia, ou dessas que só existem na imaginação. A vontade é onde tudo começa.

PRÉ-PRODUÇÃO – Depois que o filme nasceu na vontade, a gente começa o que chamamos de pré-produção: organiza a equipe, divide funções, os equipamentos, etc.



PRODUÇÃO – É nessa fase que aquela ideia que está só na cabeça começa a virar imagem e som. Todos os dias, os alunos saem para filmar. Quase nunca os professores vão junto, porque

Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

a gente acredita que funciona melhor assim: os alunos, na sua língua, do seu jeito, filmam aquilo que querem mostrar. Depois que eles voltam, a gente senta todo mundo junto (alunos, professores, e a comunidade) e assiste ao material produzido naquele dia: discute sobre enquadramento, posição de câmera, a escolha de um personagem, de uma cena, o que deve ou não ser mostrado, e pensa junto a direção do trabalho. A isso chamamos visionagem. Assim, dia após dia, de uma maneira coletiva, o filme vai sendo construído.



TRADUÇÃO – Essa é uma das horas mágicas do processo, porque os filmes são feitos em Português então é preciso traduzir alguns trechos do material filmado para a língua Tupi pra preservar a nossa língua. Mas não é bonito só pra gente que não fala a língua não, para os índios, esse é também, um momento importante, pois é quando se tem tempo para rever as imagens, pensar com calma no que foi feito, descobrir o material que se tem nas mãos.

MONTAGEM – Depois da tradução começa o processo de montagem. Nessa fase, o material filmado é selecionado e organizado seguindo a ordem sugerida pelo realizador do filme. É na montagem que são escolhidas as melhores cenas, o que funciona e o que não funciona, o que vai ser mostrado e o que vai ficar de fora. É quando aquela ideia imaginada no começo de tudo e as imagens e os sons captados vão ganhando forma, vão ganhando lugar, uma após a outra, até chegar na forma final do filme.

EXIBIÇÃO – Por fim, chegamos no momento da exibição do filme, quando a obra é apresentada ao público. E quem é o público desses filmes?



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

- 1) Primeiro, a própria comunidade. É para ela que os filmes são feitos e mostrados. Eles são exibidos também em outras aldeias, que costumam curtir muito os filmes feitos pelos “parentes”. Nessa troca as comunidades conhecem rituais, mitos, formas de viver e de se organizar diferentes uma das outras.
- 2) Os filmes se dirigem, também, para as vilas, municípios e cidades ao redor das aldeias, onde é grande o preconceito contra os indígenas. Dessa maneira, assistindo aos filmes, as pessoas desses lugares podem conhecer melhor seus vizinhos índios e, aos poucos, deixar de lado seus preconceitos.
- 3) Esses filmes são também são exibidos nos festivais de cinema etnográfico ou não, nas escolas, nas universidades. Alguns correm pela internet pra quem quiser assistir. Como nas comunidades de entorno, exibir esses filmes em vários espaços permite que mais e mais pessoas conheçam melhor a vida dos grupos indígenas, e ver o que andam produzindo em termos de cinema.



Como são realizadas as Oficinas que antecedem e durante a Mostra.

Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

As oficinas vivenciada pela Etnia Jenipapo Kanindé durante as Oficinas preparatórias da I Mostra de Filmes Etnográficos do Ceará tiveram um pensamento para a prática. Fomentando a autorrepresentação e a apropriação da tecnologia audiovisual como instrumento de fortalecimento da identidade/aprender o manejo básico da câmera, o foco manual e o balanço de branco.

Logo após é realizado a Oficina de **INTRODUÇÃO A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL ETNOGRÁFICA:**

Onde são apresentadas as diversas etapas da realização de um filme, porém com um olhar Etnográfico e Participativo. (roteiro, produção, fotografia, som, e edição) apresentando cada uma destas etapas suas especificidades, os profissionais envolvidos e suas responsabilidades e atribuições para a construção da obra cinematográfica.

“Na hora que eles dominaram essas duas coisinhas, já começam a trabalhar fazendo exercícios. O exercício que a gente tem costume de dar é esse de filmar o cotidiano de alguém”, afirma Philipe Bandeira, que atuou nas oficinas de formação de realizadores indígenas tanto no Projeto Vídeo nas Aldeias como na I Mostra de Filmes Etnográficos do Ceará. É importante notar que os facilitadores não participam da filmagem. “E no final do dia, quando eles terminaram de filmar, a gente se junta numa sala, que é aberta à comunidade toda, assistimos ao material e fazemos uma visão crítica”, explica.

Quando o indígena começa a filmar, como qualquer pessoa recém introduzida nas técnicas cinematográficas, tem uma tendência a ficar cortando. “Ele tem que aprender a escutar: ‘O cara estava falando e você cortou?’. Aí ele começa a escutar, até chegar a esse ponto em que ele deixa o cara sair de quadro”, referindo-se ao fato de que as entrevistas que os cineastas indígenas fazem com pessoas mais velhas das comunidades tem horas de duração. “Quem tem a prática da narração são, em geral, os mais velhos. E quando eles começam a narrar é por uma ou duas horas seguidas. Não há narraçõeszinhas, não há frases curtas. E eles filmam até o final, até o cara acabar de falar”.

No manejo da câmera, os cineastas indígenas apresentam a relação de sua comunidade com a câmera, mostrando: as dificuldades encontradas no dia a dia de uma situação de filmagem, como a incompreensão de algumas pessoas da própria aldeia, as quais não entendem o porquê deles se apropriarem de uma tecnologia dos brancos;

A relação que estabeleceram com os registros audiovisuais no momento, por exemplo, em que assistem a si próprios; e a importância do material audiovisual captado enquanto arquivo e

Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

memória da comunidade, etc. Toda a narrativa é centrada na sua historicidade. Embora o uso do tripé seja uma estratégia de trabalho recusada pelos indígenas, uma vez que o mesmo faz com que a câmera literalmente “veja” de um único ponto de vista, é importante notarmos que os cineastas indígenas utilizam-no, normalmente, para a realização de entrevistas, como é o caso em questão. Para a realização das demais imagens, os cineastas indígenas sempre estão com câmera na mão. A respeito dessa questão, “[...] a única forma de filmar é caminhar com a câmera, levando-a para onde seja mais efetivo, e improvisando um balé no qual a câmera torna-se mais viva do que as pessoas que está filmando”. É possível, aqui, pensarmos O manejo da câmera, de certa forma, segundo o modo performático, definido pelos indígenas, na medida em que é enfatizado. Nota-se no final a presença da impureza, uma vez que os cineastas indígenas não se prendem à mera realização de um roteiro previamente definido; pelo contrário, os mesmos estão abertos à indeterminação do acontecer na circunstância da tomada.

Durante as oficinas com os indígenas a invasão da impureza é sempre estimulada, sendo que a mesma far-se-á presente em diversos momentos de O manejo da câmera. Ainda acerca dessa questão, “[...] a captação do material dos cineastas indígenas nas oficinas se dá, ao contrário, de maneira intuitiva, empírica e livre, estilísticos que possibilitam ao cineasta “colar” na experiência do outro, e que se fazem presentes em vários momentos do Projeto.

NEM TUDO É UMA LAGOA ENCANTADA...

Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

Os jovens cineastas indígenas jenipapo kanindé enfrentaram alguns problemas na comunidade quando parentes que não entendem o trabalho deles, não os deixam filmar, e chegam até a dizer que eles não são brancos para manusear as câmeras, um objeto entendido como típico de um ambiente externo, estranho, da cultura do homem branco. Apesar disso, deixam claro que não se intimidam e continuam sempre as filmagens.

A presença da câmera na aldeia indígena se dá dentro de em um contexto de verdadeiro embate intercultural. Em um primeiro momento, tal presença, conforme relatam os cineastas indígenas, faz-se por meio dos fotógrafos e cinegrafistas da cidade que iam até a aldeia. Os indígenas, por sua vez, viam a câmera como um elemento estranho e desconhecido de seu universo. Afinal de contas, era uma equipe de filmagem, repórteres, cinegrafistas e fotógrafos que invadiam o espaço deles, passando pouco tempo ali, o necessário para fazer suas reportagens, vendo-os como objetos e, logo em seguida, iam embora sem lhes dar nenhum retorno acerca do material filmado. Nesse contexto, “toda vez que um filme é realizado, a privacidade é violada”.. O documentário traz uma sequência na qual os indígenas participam.

... NA LUTA PELA PRESERVAÇÃO E RESISTÊNCIA CULTURAL SURGE OS CINEASTAS INDÍGENAS DA ALDEIA JENIPAPO KANINDÉ

Já em relação ao cineasta, ele o cineasta deve exercer tal função, não a delegando a terceiros, pois é somente ele e mais ninguém que sabe quando, onde e como filmar, ou seja, fazer a produção. No caso em questão, são cineastas indígenas que fazem as filmagens conforme os propósitos das comunidades em que estão inseridos. Em um segundo momento, entretanto a câmera constitui-se em um instrumento que não mais é estranho para os indígenas, além de ser responsável pela garantia da memória para as gerações futuras. Tal fato deve-se, notadamente, pelos cinegrafistas de agora não serem mais estranhos para a comunidade; pelo contrário, são sujeitos dela mesma.

A preocupação com a manutenção da memória, por sua vez, ocorre pelas comunidades indígenas serem essencialmente orais, com o conhecimento sendo passado dos mais velhos para os jovens. Com o objetivo de preservar sua memória, os Jenipapo Kanindé lançam mão dos registros audiovisuais, seja por meio de entrevistas, filmagem de danças, rituais, etc., ou mesmo através da encenação de mitos, nos quais os sujeitos da comunidade tornam-se personagens do documentário.

Outra questão que merece ser vista com mais atenção e aqui nos interessa: trata-se do uso coletivo que é feito da câmera. Conforme afirmam: “A câmera é de todo mundo. Não é coisa

Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

minha, nem tua”. De uma visão unilateral, na qual o poder de fazer os registros audiovisuais estava centrado nas mãos de fotógrafos e cinegrafistas, onde os indígenas, enquanto sujeitos observados, estiveram “sempre na frente” da câmera – com a participação dos indígenas, no sentido de que os mesmos são responsáveis pelo processo de realização cinematográfica, conforme os interesses da comunidade.

Os documentários produzidos revela-nos os indígenas justamente como um sujeito-da-câmera que age “[...] deixando expostas pegadas da enunciação e o mapa da ação na tomada”). Da mesma forma, os facilitadores brancos, não têm uma vontade de ficar se escondendo atrás dos índios, como se os filmes produzidos fossem “puros”. Os facilitadores do projeto estão ali, vendo as imagens feitas junto com os indígenas, discutindo a edição e fazendo a legendagem.

...TUDO PRONTO PODE VIR....



PROGRAMAÇÃO

Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

Quinta-feira, 17/12/2015,

A abertura do evento foi marcada pelo do Toré/Torém, ritual de espiritualidade indígena manifestado em danças e cantos. Em seguida, foram feitas falas de abertura, iniciada pela Juliana Alves (Cacique Irê). Também fizeram parte da mesa os mestres da cultura Cacique Pequena, Cacique João Venança e Pajé Luiz Caboco, além de Eliane Alves (presidente da Associação das Mulheres Indígenas Jenipapo-Kanindé / AMIJK), Sinval Diógenes (produtor executivo da mostra), Klístenes Braga (representante da Secult-CE) e Philipi Bandeira (curador da mostra).

Suaçumussará (2015) foi o primeiro filme de abertura. A exibição aconteceu na Pousada Indígena Jenipapo-Kanindé e teve a presença do realizador Henrique Dídimo. Também foram exibidos os filmes Kunhãroba (Augustiano Xavier e Marcos Rocha, 2010) e 2 Mestres Tremembé (Alberto Cukier, 2015)



Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

Suaçumussará (2015) foi o filme de abertura da I Mostra Indígena de Filmes Etnográficos do Ceará. O realizador Henrique Dídimo marcou presença na sessão e falou sobre o trabalho, que rendeu três anos de pesquisa nas 14 etnias indígenas do estado.



Sexta-Feira 18/12/2015

Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

As crianças também se divertem na mostra

09h às 10h - Mostra Curumim (Escola Indígena)

Apurinã (2013, Daniele Rodrigues, 04”)

Guarani M’byá (2014, Daniele Rodrigues, 04”)

Kalapalo (5”)

O homem que catou as aves do sertão (2012, Patrícia Moreira)

Conhecendo o Desconhecido (2014, Pedro Henrique Cardoso, 20”)



Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

Ainda na manhã Sexta, 18/12/2015 Aconteceu uma roda de conversa sobre perspectiva feminina no movimento indígena. A atividade foi puxada pela Cacique Irê (Juliana Alves/Jenipapo-Kanindé) e contou com a presença de jovens do IFCE de Quixadá.



A tarde, 18/12/2015, aconteceu um debate com os mestres da cultura Pajé Luiz Caboco, Cacique João Venança e Cacique Pequena. A atividade contou com a participação de estudantes de Direito da UniChristos.



Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

Na segunda noite de exibições 18/12/2015 , a Mostra Indígena foi aberta por uma grande roda de toré. Os jovens Jenipapo-Kanindé fizeram a cobertura do evento em vídeo e fotografias. Após o ritual sagrado, foram exibidos os filmes:

A Jaqueira Sagrada (2015, Siloé Amorim)

Índio Cidadão? (2014, Rodrigo Arajeju)

Índios no Poder (2015, Rodrigo Arajeju)

Ôkâpomai – Expedição Yanomami (2014, Danilo Arenas)

Retomada (2015, Leon Sampaio)



Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

Sábado 19/12/2015

CONVERSA DE CINEMA

A manhã deste sábado, 19, teve início com uma roda de conversa sobre cinema e movimento indígena. A atividade foi puxada pelo curador da mostra Philipi Bandeira e pelo realizador audiovisual Henrique Dídimo. Também marcaram presença os mestres da cultura Pajé Luiz Caboco, Cacique João Venança e Cacique Pequena, além da Cacique Irê, Juliana Alves, da etnia Jenipapo-Kanindé.



Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

Na tarde deste sábado, 19, aconteceu a Sessão Jenipapo-Kanindé. Seguindo uma seleção de filmes sobre a etnia, os participantes se reuniram no Museu Indígena Jenipapo-Kanindé e puderam conversar sobre algumas questões da cultura e da luta indígena. A atividade foi puxada pelo curador da mostra Philipi Bandeira e contou com a presença dos mestres da cultura Cacique João Venança, Pajé Luiz Caboco e Cacique Pequena, além da Cacique Irê (Juliana Alves).



SÁBADO:

09h às 10h: Mostra Curumim (Escola Indígena)

Apurinã (2013, Daniele Rodrigues, 04'')

Guarani M'byá (2014, Daniele Rodrigues, 04'')

Kalapalo (5'')

O homem que catou as aves do sertão (2012, Patrícia Moreira)

Conhecendo o Desconhecido (2014, Pedro Henrique Cardoso, 20'')

09h às 10h – Debate – Curadoria Compartilhada e Cinema Indígena no Ceará / com Philipi Bandeira, Henrique Dídimo e jovens Jenipapo-Kanindé (Pousada Indígena)

10h às 12h: Mostra Jenipapo-Kanindé (Escola Indígena)

12h: Almoço (Pousada Indígena)

14h30 às 17h30: Mostra Oficial (Escola Indígena)

14h30 às 17h: Oficina – Movimento Indígena do Ceará: Um roteiro de Lutas – Cacique Irê e Mestres da Cultura Indígena (Pousada Indígena)

Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000



ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES INDÍGENAS JENIPAPO-KANINDÉ –
AMIJK CNPJ – 05.324.592/0001-10

18h: Jantar (Pousada Indígena)

19h: Mostra Oficial (Pousada Indígena)

Iburi – Trompete dos Ticuna (2014, Edson Tosta Matarezio Filho, 15”)

Me’ok – Nossa Pintura (2014, Thiago Oliveira e Marcos Nascimento, 25”)

O sonho do Nixi Pae – o movimento dos artistas Huni Kuin (2015, Amilton Pelegrino de Mattos, 48”)

Xupapoyng (2012, Isael Maxacali, 15”)

Koxuphi (2012, Isael Maxacali, 29”)

Karioka (2014, Takumã Kuikuro, 19”)

Manchik (2014, Marcos Carvalho, 15”)

21h30: Falas de Encerramento / Roda de Toré (Pousada Indígena)



Comunidade da Lagoa da Encantada s/n Aquiraz – CE C.E.P. –
61.700-000
